

Jazz

7 Outubro 2010

Programador:

Manuel Jorge Veloso

As Soon as Possible

Vincent Courtois,
Sylvie Courvoisier,
Ellery Eskelin

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Violoncelo Vincent Courtois
Piano e Piano preparado Sylvie Courvoisier
Saxofones Ellery Eskelin

Qui 7 de Outubro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M12

A circulação livre das ideias como modo de criação musical

“No momento em que ele [Charlie Parker] desenvolveu o chamado bop, deixou de ser um verdadeiro músico de jazz.” (Hugues Panassié)

Quando de uma forma genérica nos referimos ao jazz clássico ou clássico-moderno, falamos de uma música que, independentemente do lado imediato e instantâneo da sua criação e da inevitável dose de surpresa inerente ao rumo da sua componente improvisada (rumo mais ou menos sinuoso e trilhado no momento de tocar), assenta numa nitida ideia de estrutura formal as mais das vezes reconhecível e na segurança de um determinado suporte harmónico e rítmico relativamente estável, factores que contribuem decisivamente para a criação de objectos artísticos com os quais não é particularmente problemático estabelecer uma certa relação de proximidade e até de familiaridade.

Para muitos ouvintes iniciados no jazz, essa proximidade e mesmo cumplicidade no seguimento de quase todos os passos de um dado solista no percurso da variação improvisada, é o bastante para que se sintam recompensados nas suas expectativas estéticas, chegando esse exercício de identificação ao ponto de fazer crescer no íntimo de cada um essa espécie de auto-satisfação, esse exercício de mimetismo capaz de quase levar a pensar, por absurdo: “era mesmo disto que eu estava à espera... era mesmo este o caminho que eu percorreria se ali estivesse...”

Curiosa e paradoxalmente, a história do jazz está recheada de momentos cíclicos em que os próprios músicos, precisamente os mais interessados em comunicar e a estabelecer relações de familiaridade com os seus ouvintes, pensaram e fizeram precisamente o contrário, ou seja: acharam que era infinitamente mais interessante, em termos criativos, estabelecer rupturas com os seus passados próximos e, mesmo sem chegar em muitos casos ao extremo de romper os elos que os ligavam às raízes e tradições do jazz, procurar criar novas formas de o inventar, em termos de composição e de improvisação.

As consequências dessas atitudes nem sempre foram gratificantes em termos profissionais, mesmo quanto às reacções da crítica especializada e da opinião publicada, como foi o caso do famoso publicista francês Hugues Panassié (propositadamente citado no início deste texto), autor entre outras de uma obra célebre e polémica intitulada *Hot Jazz* e que levava o significativo subtítulo: *O Guia da Música Swing e do Verdadeiro Jazz*. Também hoje em dia, com ou sem justificação plausível (perante a intocável seriedade de muitos criadores, de mistura com a contrafacção fraudulenta e oportunista de vários arrivistas), a receptividade quanto a certas expressões do jazz contemporâneo ou da música improvisada actual é tudo menos consensual.

Recuando bastante no tempo, embora já anos antes tivessem aflorado na cena jazzística dos EUA algumas experiências realizadas fora do quadro “tradicional” do jazz clássico – com certas incursões na livre improvisação levadas a cabo por Lennie Tristano e seus seguidores

nos anos 40 -, a transição dos finais dos anos 50 para os anos 60 do século passado testemunhou a gestação de um desses momentos mais evidentes de ruptura, com o surgimento do chamado *free jazz*, que constituiu também, no campo artístico, um reflexo das convulsões verificadas na sociedade norte-americana, designadamente o largo e impetuoso movimento pelos direitos cívicos dos cidadãos afro-americanos.

Na sua modalidade mais radical, consumada já em plenos anos 70 e paritilhada por músicos negros e brancos, o *free jazz* chegou à refutação, na teoria e na prática, das noções clássicas de *melodia*, *harmonia* e *ritmo* (já de si específicas no que toca ao jazz) nalguns casos recusando a própria ideia de composição prévia e de improvisação estruturada ou a tão especial cadência do *swing*, antes reforçando o carácter aleatório e incidental da música que era tocada.

Os ecos dessa atitude fizeram-se logo sentir na Europa e nos músicos de jazz europeus cujo modelo e fonte de inspiração tinham sido por excelência, durante muitos anos, o jazz norte-americano e os seus grandes mestres e criadores. Mas é natural que outras fortes fontes de inspiração e influência no *free jazz* europeu tenham sido certas correntes de vanguarda, particularmente aquelas que, no campo da música erudita do século XX, incluíam secções improvisadas ou livremente conjugadas e combinadas ao sabor de decisões do momento no âmbito da composição escrita.

Por outro lado e funcionando porventura como motivação subjectiva, a expansão e enraizamento de um estado de espírito anti-imperialista que lavrava na sociedade europeia e se estendia à

juventude estudantil e à comunidade artística na sequência do Maio de 68 ou dos movimentos antibelicistas suscitados por prolongadas confrontações violentas, como a guerra do Vietname, terão quicá contribuído para que, a par do *free jazz* puro e duro, se desenvolvesse na Europa um outro conceito, uma outra via paralela de *música improvisada* mais próxima da música erudita contemporânea do Velho Continente e, portanto, mais afastada do modelo norte-americano.

Dando um salto no tempo, o trio que vai estar presente no concerto de hoje, as diversas origens nacionais e culturais que lhe dão corpo e as práticas multidisciplinares que cada um dos seus membros vem assumindo em carreiras individuais coroadas de êxito (ver notas biográficas noutra local desta folha de sala), representam, passados todos estes anos de evolução não linear do jazz e das outras músicas improvisadas, um lugar de encontro e de coabitação que, não procurando repetir caminhos já percorridos ou correntes estéticas sintonizadas com uma dada sociedade e emanadas da própria vida envolvente, dão continuidade e constituem um *aggiornamento* desses movimentos, agora à luz de uma nova contemporaneidade e de uma nova (ou, pelo menos, diversa) realidade social e cultural.

A pedra de toque que pode tornar mais interessante esta actuação é a sensação de total imprevisibilidade susceptível de se transferir do palco para a plateia, dos *emissores* para os *receptores*, como fruto da própria experiência de busca e encontro, da permanente construção e desconstrução de uma música em contínuo questionamento, da

circulação das ideias entre três músicos excepcionais no plano individual e que fazem da sua *performance* conjunta uma sequência de momentos irrepetíveis.

Parte substancial do repertório que alimentará o concerto será, previsivelmente, extraído do último álbum gravado pelo trio (cuja criação remonta a 2002) e intitulado *As Soon As Possible*, publicado pela editora independente italiana CamJazz (distribuída entre nós) e que constituiu um *opus* discográfico justamente exaltado pela crítica especializada e considerado um dos melhores álbuns de 2008.

O simples enunciado de três nomes em plano de igualdade e pela ordem alfabética do apelido - e não de um trio liderado por qualquer um deles - diz já muito, porventura, da música que irá ouvir-se num dos derradeiros concertos da temporada de jazz deste ano de produção exclusiva Culturgest. Isto não significa necessariamente que, se assim não fosse, esse plano de igualdade não vigorasse, ainda com naturalidade, no desenvolvimento tripartido da música produzida em palco, como é habitual mesmo nas actuações dos grupos de jazz que se tornam mais conhecidos pela invocação de tal ou tal músico que, na circunstância, desempenha o papel de líder.

Neste caso particular, mais do que *jazz* em concreto é de *música improvisada* que deve em primeiro lugar falar-se, o que não contrariando a habitual asserção de que o jazz é, também ele, música que parte do improvisado, coloca apesar de tudo em plano mais destacado a expressão *improvisada*, como sendo aquela que a todo o momento melhor qualificará a música que ouviremos.

Como avisadamente descreve o guitarrista britânico Derek Bailey em *Improvisation*, uma obra de referência: “a falta de precisão no termo *livre improvisação* é ainda mais notória quando chegamos à coisa propriamente dita. Diversidade, é a sua característica mais consistente. Não há aqui compromisso estilístico ou idiomático. Não há um som prescrito e idiomático. As características da música de improvisação livre são estabelecidas apenas pela identidade sónico-musical da pessoa ou pessoas que a tocam.”

É certo que haverá vários matizes, várias *nuanças*, no carácter improvisado das obras que hoje nos serão propostas:

- poderemos estar perante música totalmente criada no momento de tocar e que, como tal, se vai formando como um todo, a partir de um *aleatório* organizado, pelo contributo simultâneo ou sucessivo dos três músicos em presença;
- é também possível que parte substancial da música tocada no momento, embora não vertida em partitura, esteja pré-estabelecida ou pré-determinada na mente dos vários componentes do trio, bastando a sinalética quase imperceptível, até mesmo só a respiração, para que se desencadeiem os necessários entendimentos no sentido de que os vários discursos individuais, aparentemente dispersos, formem um corpo internamente coerente, embora moldado ao mesmo tempo que os músicos vão sendo (também eles) *emissores* e *receptores*;

- haverá ainda, muito provavelmente, para além da subversão na “clássica” abordagem técnica dos instrumentos, tornados por vezes dispositivos de percussão ou transformados pela

electrónica, composições escritas ou interiorizadas na sua quase totalidade ou em grandes passagens da sua exposição, ficando depois à iniciativa de cada um a justa medida em que a liberdade individual se exercerá mesmo dentro das baias relativas que a composição prévia determina.

Do que todos podemos estar certos, à partida, é que cada um dos instrumentistas que neste concerto irão desafiar-se mutuamente, em termos criativos, se encontram entre os mais reputados no campo da chamada *nova música*, com Vincent Courtois a tender mais para as margens do jazz, Sylvie Courvoisier a fazer a ponte para Ellery Eskelin e este a puxar dos seus galões para que, também de jazz inequívoco, hoje se fale em palco.

Manuel Jorge Veloso
Blog *O Sítio do Jazz*

Vincent Courtois

violoncelo

Nasceu em Paris, em 1968. Começou a estudar violoncelo com seis anos. Concluídos os seus estudos na École Normale de Musique de Paris em 1988, tocou com músicos como o guitarrista Christian Escoudé e o pianista Martial Solal (com quem gravou em duo) e foi membro da European Jazz Orchestra of Young Talents, dirigida por James Newton. Músico virtuoso, abarca tanto o jazz experimental, como a música étnica ou a música popular. Entre as celebridades com quem trabalhou, contam-se Juliette Greco, Michel Petrucciani, Les Rita Mitsouko (grupo de pop rock francês muito célebre nos anos 1980) e Khaled (cantor, compositor e multinstrumentista argelino). Vincent Courtois e o seu violoncelo – um instrumento raramente ouvido em contextos jazzísticos – tem tido uma forte presença na cena europeia desde os anos 1990.

Como *sideman*, participou em mais de 30 álbuns para editoras como ECM, Enja, Polygram, Virgin. Tem liderado vários grupos com diversas formações.

Tocou e gravou, entre muitos outros, com Marc Ducret, Louis Sclavis, Ellery Eskelin, Sylvie Courvoisier, Yves Robert, Régis Huby, Dave Douglas, Pierre Favre, Mark Feldman, Dominique Pifarely, Rabih Abou-Khalil, Steve Swallow, Dave Holland, Joachim Kuhn, Jim Black, Richard Galliano, entre muitos outros.

Participa nos grupos de Louis Sclavis que gravaram *Napoli's Walls*, *L'affrontement des prétendants* e *Dans la nuit*.

Em 2006 formou o seu novo quarteto

com François Merville (bateria), Jeanne Added (voz e violoncelo) e o jovem saxofonista Mark Baron.

www.inclinaisons.com

Sylvie Courvoisier

piano

Nasceu em Lausanne, Suíça, começando a estudar piano aos seis anos com o seu pai, pianista de jazz amador. Desde 1998 que vive em Brooklyn, Nova Iorque.

Como pianista e improvisadora tocou e gravou com diferentes músicos como John Zorn, Ikue Mori, Joey Baron, Mark Feldman, Tim Berne, Tony Oxley, Yusef Lateef, Joëlle Léandre, Herb Robertson, Butch Morris, Tom Rainey, Mark Dresser, Ellery Eskelin, Lotte Anker, Fred Frith, Michel Godard, Mark Nauseef entre outros.

Como compositora, foram-lhe encomendadas obras para concerto, rádio, dança e teatro. Compôs, entre outros, um Concerto para guitarra eléctrica e orquestra de câmara, *Balbutiements* para quarteto vocal e soprano, *Ocre de Barbarie*, espectáculo musical para metrónomos, autómatos, realejo (“orgue de barbarie”, em francês), piano, tuba, saxofone, violino e percussão, encomendas da Rádio e Televisão Suíça, do Brecht Forum, de Pro Helvetia e do Festival de Donaueschingen.

Desde 1996 que vem prossequindo uma carreira internacional por toda a Europa, Estados Unidos, Canadá e Japão. Tocou em numerosos festivais de jazz e de música contemporânea em Berlim, Willisau, Davos, Donaueschingen, Banlieu Bleue, Saafelden, Groningen,

Vision NY, Library of Congress, Nürnberg, Taktlos, London LMC, Bath, Münster, Victoriaville, entre outros.

Atualmente lidera o quinteto Lonelyville, o trio Abaton e o Sylvie Courvoisier Mark Felman Quartet com Thomas Morgan e Gerry Hemingway. É membro do trio de improvisação Mephista com Ikue Mori e Susie Ibarra (com o qual já actuou no festival Jazz em Agosto, FCG), do trio com Lotte Anker e Ikue Mori, de Agra Dharma, com Makigami Koichi e Ikue Mori. Toca também com o Herb Robertson Quintet, em trio com Vincent Courtois e Ellery Eskelin, no grupo de John Zorn Cobra+Femina, etc.

Desde 1997 faz digressões regulares em solo e, em duo, com o violinista Mark Feldman, seu marido.

Recebeu o Prix des jeunes créateurs, Suíça, 1996 e o Prix da Création, Zonta club, 2000. Foi, com outros dois músicos, nomeada para o European Jazzprize 2008.

Gravou inúmeros discos para editoras como Cam Jazz, ECM, Intakt, Tzadik, Clean Feed, Enja.

www.sylviecourvoisier.com

Ellery Eskelin

saxofones

Nascido em 1959, cresceu em Baltimore e começou a tocar saxofone tenor aos 10 anos. Em 1983 mudou-se para Nova Iorque e em 1987 começou a gravar com o grupo Joint Venture que também começou a fazer as suas digressões pelo circuito europeu. Pouco depois fundou o primeiro de muitos projectos como

líder, um trio com o baixista Drew Gress e o baterista Phil Haynes, seguido por uma banda que teve curta vida, com Joe Daley em tuba, e Arto Tunçboyacıyan em bateria e percussão. Em 1992 Eskelin juntou-se ao grupo do baterista Joey Baron, Baron Down, um trio com bateria, trombone e saxofone, uma experiência que provou ser um importante catalisador no seu interesse crescente por novas e inusuais formações instrumentais.

Em 1995 formou a banda com que mais frequentemente é associado, com a acordeonista Andrea Parkins e o baterista Jim Black. Escreveu mais de 50 temas para esse grupo, todos incluídos numa série de CD's publicados pela editora suíça hathUT. A banda continua a fazer regularmente digressões apresentando-se em centenas de concertos nos EUA, Canadá e por toda a Europa (incluindo Portugal).

Ao longo da sua carreira participou em numerosos projectos paralelos, como um grupo com o guitarrista Marc Ribot e o baterista Kenny Wollesen dedicado à música de Gene Ammons, duos de improvisação com o baterista holandês Han Bennink, bem como um ensemble especial agrupando cordas, vibrafone e saxofone dedicado à música completamente improvisada.

Ao longo dos anos desenvolveu outras associações com músicos como Gerry Hemingway, Mark Helias, Sylvie Courvoisier e Bobby Previte. Como *sideman*, trabalhou com uma variedade de músicos que cruzam o jazz, o pop de vanguarda e a *new music* (música experimental) como o organista "Brother" Jack McDuff, o compositor Mikel Rouse, o guitarrista Eugene Chadbourne, o tocador de *oud* e compositor Rabih

Abou-Khalil, o baterista Daniel Humar e o pseudo-grupo (porque formado apenas por um músico...) The Grassy Knoll, entre outros.

Como líder ou co-líder gravou cerca de 20 discos, alguns deles considerados pelos críticos do *New York Times*, *The Village Voice* e importantes revistas nos EUA e fora dos EUA, como melhores do ano. Como *sideman* aparece em mais de 50 álbuns. A revista *Down Beat* incluiu-o, na sua edição de Janeiro de 2000, entre a lista dos 25 *rising stars* ("estrelas" emergentes) incluindo-o também na categoria Talent Deserving Wider Recognition em 1998, 2001, 2002, 2003 e 2004. Foi nomeado para o prestigiado prémio dinamarquês Jazzpar em 2003 e recebeu bolsas da Chamber Music America French-American Exchange (2007) e Chamber Music America New Jazz Works (2009).

home.earthlink.net/~eskelin/Bio.html

doclisboa 2010

VIII Festival Internacional de Cinema

Cinema de Qui 14 a Dom 24 Outubro
Grande e Pequeno Auditórios · 11h - 23h
Filmes legendados em português



O doclisboa presta este ano homenagem a Joris Ivens, o holandês voador (1898-1989). A monumental obra de Ivens, rodada nos 5 continentes, foca as principais transformações históricas, sociais e políticas do mundo ao longo do século XX e permite traçar um retrato fascinante de um universo em rápida transformação. Viajante ímpar, Joris Ivens é também um exemplo do cruzamento entre a poesia da imagem (*Chuva, A Ponte, La Seine a Rencontré Paris*) e da participação política (*Terra de Espanha, Paralelo 17*). A sua companheira e co-realizadora de mais de uma dezena de filmes, Marceline Loridan-Ivens, sobrevivente dos campos de extermínio nazis, estará em Lisboa para uma masterclass onde discutirá o seu próprio percurso e o de Joris Ivens, através da história do cinema.

Dois outros cineastas de referência absoluta estarão presentes no doclisboa, com mostras retrospectivas e debates públicos: Jørgen Leth e Marcel Ophüls.

O país convidado do doclisboa 2010 é a Suíça.

A secção temática do festival intitula-se este ano «A Cidade e o Campo» e parte da matéria eminentemente cinematográfica constituída por este binómio. O documentário português terá destaque na secção de abertura, com a estreia absoluta do aguardado filme de Miguel Gonçalves Mendes sobre a relação entre José Saramago e Pilar del Rio (*José & Pilar*), rodado ao longo de quatro anos, e co-produzido por El Deseo (Almodóvar, Espanha) e O2 (Fernando Meirelles, Brasil).

As obras de destaque no último ano (apresentadas em Berlim, Cannes ou Veneza) estarão presentes nas várias competições, com curtas, médias e longas-metragens de criação, bem como na secção «Investigações».

Finalmente, os «Riscos», secção de fronteira, reúne os mais recentes filmes que estabelecem a ponte entre a ficção, o ensaio e o documentário.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
